

Na Constituinte, rótulos não traduzem tendências

RAYMUNDO COSTA

BRASÍLIA — O sistema de representação proporcional e a ausência de partidos com ideologia e programa bem enunciados estão na origem da maleabilidade que os parlamentares demonstram ao definir politicamente a si mesmos e a seus adversários.

A conclusão é do professor David Fleischer, chefe do Departamento de Relações Internacionais e de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB), e que nos últimos anos tem se dedicado à análise das principais tendências ideológicas do Congresso.

— O nosso sistema de representação facilita bastante isso, na medida em que leva os políticos a ter um discurso para cada tipo de público. Isso já não ocorre no sistema distrital, onde o político é acompanhado mais de perto pelo eleitor — argumenta Fleischer.

Por outro lado, diz, os próprios partidos revelam "incongruências" nos seus programas, caso por exemplo do PMDB, que "defende ao mesmo tempo a desestatização e o fortalecimento da economia através da ocupação pelo Estado dos espaços vazios".

Além disso, o professor acredita que a profusão de definições e rótulos atualmente exibidos entre os constituintes reflete uma face cultural bem brasileira, que gosta de in-

ventar termos como "biquini flo-dental", "malufar" ou mesmo "fiscal do Sarney", criação do próprio Presidente da República consagrada pelo uso popular.

Na política, isso se verifica através de termos como "chapa-branca" ou "bossa-nova", que já designaram deputados da extinta UDN, ou "senador biónico", de uso mais recente.

A rigor, para David Fleischer, o atual Congresso revela duas grandes tendências — "moderada" e "progressista" —, o que não significa dizer que "os moderados" serão sempre moderados ou os "progressistas" votarão como tal". Fleischer costuma citar o caso da liberação do aborto, bandeira atribuída aos "progressistas", mas que fatalmente provocará reações diferentes no PT, seja por formação moral ou respeito às boas relações do partido com a

Igreja.

Os "moderados" serão, no modo de ver de Fleischer, o fiel da balança nas decisões da Constituinte. Tanto a esquerda como os "conservadores" — que não têm maioria na Assembleia — procurarão atrair os "moderados" para suas idéias. Nesse processo, cada um dos lados terá de amenizar suas propostas, "o que levará a uma tendência de centro". Para melhor navegar os debates da Assembleia Nacional Constituinte, é preciso entender as principais definições adotadas no Congresso Constituinte.

Conservadores — São os constituintes que defendem o regime da livre iniciativa e querem o Estado inteiramente afastado das atividades econômicas, como o Senador Roberto Campos. Acreditam que a poupança interna não é suficiente para se atin-

gir as taxas de crescimento necessárias e por isso defendem a abertura ao capital estrangeiro, preferencialmente na forma de investimento de risco. Frequentemente também são classificados de "direita".

Neo-liberais — Pregam a livre iniciativa, mas acham que os desequilíbrios sociais existentes requerem a participação do Estado, sobretudo nas áreas básicas, como energia, saneamento básico, educação e saúde. Em resumo: são conservadores com preocupações sociais. O Senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), por exemplo, acha que a Previdência Social, para atender o povo, não tem como ser tocada pela iniciativa privada. Os "neo-liberais" frequentemente podem ser localizados entre os "moderados".

Moderados — Propõem uma mudança mais lenta, sem riscos para a

estabilidade. Uma das bandeiras dos "moderados" é a reforma tributária, mas eles temem, por exemplo, uma reforma agrária feita de forma abrupta, capaz de desestabilizar o sistema de produção rural. Distinguem-se dos "conservadores" pelo fato de acreditarem que o capitalismo brasileiro se tornaria mais selvagem ainda, caso as amarras do Estado fossem subitamente desatadas.

Progressistas — Propõem mudanças no sentido de uma melhor distribuição de renda, a regulamentação do capital estrangeiro, a remoção do entulho autoritário e a execução de programas sociais que beneficiem setores básicos como saúde, educação e saneamento básico. Acham que o Capitalismo ainda é uma via melhor do que o Socialismo, desde que dirigido para o benefício do País, com menos ganância de lucros.

Esquerda radical — Propõe um modelo de produção socializado, reforma agrária ampla, nacionalização do sistema financeiro e soluções radicais em termos de dívida externa, como a rejeição da dívida. Estão neste caso os "trotskistas" do PT, o PC do B e alguns integrantes do Partido Comunista.

Esquerda independente — É constituída por parlamentares do PMDB e inclui desde "marxistas-leninistas" até empresários com preocupações de justiça social. Em geral, seus integrantes são confundidos com os "progressistas".

Jacobinos — São os parlamentares que defenderam nos primeiros dias de funcionamento da Assembleia Nacional Constituinte a sua transformação numa Constituinte exclusiva.

Xiita — Serve tanto para designar parlamentares da "esquerda radical" como da "direita" ou "conservadores". Os "xiitas" caracterizam-se pelo que o professor Davi Fleischer chama de "fé cega", à qual se apegam sem perceber nada em volta. Assim como os xiitas que obedecem à liderança do aiatolá Khomeini, no Irã.

Anjinhos — São a grande indagação da Constituinte, pois representam os 62 por cento de renovação ocorrida na Câmara. Sobre esses novatos há poucas informações. O termo traduziria a pureza do primeiro mandato.



Dos 'xiitas' aos 'jacobinos', todos se confundem no plenário

DEBORAH BERLINCK

BRASÍLIA — Se dependesse de títulos e rótulos, poderia dizer-se que o Brasil, depois de sete Constituições, atingiu em 1987 uma Constituinte com todos os ingredientes internacionais. Circulam no Congresso "cripto-comunistas", "jacobinos" da Revolução Francesa e até "xiitas" iranianos, infiltrados nos dois principais ramos do dicionário político: "direita" e "esquerda".

O melhor exemplo foi o animado encontro no plenário entre dois fortes adversários, semana passada: o Líder do PDS na Câmara, Amaral Neto, e o Deputado José Genoíno (PT-SP). De comum, os dois têm a fama de "agitadores" e um apelido em condomínio (Amaral é o "xiita de direitos" e Genoíno "xiita de esquerda").

— Olha aí, o "xiita terrorista" — provocou Amaral.

— Você é que é um "xiita de direita". Assume, Amaral — respondeu Genoíno, num aperto de mão.

— "Xiita" não, mas direitista, vá

lã. Sou mesmo e não abro — retrucou Amaral.

O papo acabou numa sonora gargalhada e numa sugestão de Genoíno: de na próxima semana os dois chegarem ao Congresso vestindo sob o paletó uma camiseta com as seguintes inscrições: "Sou direita (ou 'esquerda', no caso de Genoíno) e não abro".

A reação aos rótulos nem sempre é boa. Chamar de "direitista" a um "social-democrata", um "indefinido" ou um "constituinte de centro" — é a maior ofensa. O Deputado Nilson Gibson (PMDB-PE) é taxado de "direitista do PMDB" por quase todas as facções do partido. Vindo de uma dedicada trajetória no PDS, quando se destacou pela defesa do então candidato à Presidência da República Paulo Maluf, Gibson chegou à tribuna do PMDB, logo após a vitória de Tancredo, defendendo a Nova República e os princípios democráticos.

— Nem "direita", nem "esquerda". Poderia dizer que sou "coerente" — disse Gibson, explicando que na época da eleição para Presidente chegou a pedir a Maluf para renunciar.

A Deputada Bete Mendes, ex-PT e atualmente no grupo da "esquerda" do PMDB, nega que tenha sido uma "PT light, com baixo teor de petismo" (light — que em inglês, como adjetivo, significa leve — é denominação pejorativa dentro do partido) e corrige a sua atual cotação ideológica no Congresso.

— Não fui "PT light", eu era amiga de um "PT light". No PMDB, não sou mais "xiita". Já evolui, agora sou do grupo dos "jacobinos" (os que não aceitam regras das antigas lideranças) — brincou Bete, que se classifica como "marxista" e diz que o rótulo "é apenas o jeito brasileiro de fazer piada".

Amaral Neto diz que não gosta muito do termo "xiita", mas admite que, politicamente, sobreviveu às eleições graças à fama de "ferrenho direitista".

— Se fosse pelo radicalismo, deveriam me chamar de PDS do B — disse, numa provocação ao grupo do PC do B.

De todos, o Líder do PDS no Senado, ex-Ministro Jarbas Passari-

nho, talvez seja o que mais se incomoda com a fama de "direitista". Apontando para o título de seu livro "Idéias e propostas para um Brasil Livre", Passarinho pergunta:

— É por isso que me chamam de "direita"? Ou é pelo texto "Ilusão Socialista" que escrevi no livro? Na minha vida já fui chamado de "cripto-comunista", quando defendi o monopólio do petróleo, de "coronel fascista", e agora de "direitista", só porque não sou comunista — reagiu.

Passarinho se classifica como um "reformista" (defende a livre iniciativa, mas aceita uma certa intervenção do Estado na economia); diz que rótulo é coisa de gente ignorante em matéria de cultura política e contrapõe:

— Se ser de direita é não ser marxista, digo que não cairei no erro de uma sociedade desumana, como é o caso da experiência marxista.

O Líder do PCB na Câmara, Roberto Freire, como era de se esperar, acha bom ser chamado de "xiita comunista", embora faça algumas restrições.

— Ofensa, para mim, é ser chamado de salafário. Comunista, eu sou. "Xiita"? Se quer dizer intransigência, posso até ser chamado, mas transitariamente — diz ele.

Freire afirma que vai ser muito bom quando "ser de esquerda" virar modismo. Resume sua classificação ideológica na seguinte frase: "Não vejo, aqui, mais ninguém à minha esquerda".

Luís Inácio da Silva, o Presidente do PT, que como a maioria dos integrantes do partido também é taxado de "xiita de esquerda", afirma que não está preocupado com esses apelidos "porque não acrescentam nada à vida". Mas ressalva: "Se quem está me chamando de 'xiita' é a extrema-direita, então considero um elogio". Lula se considera um "representante da esquerda preocupado com as lutas de classes".

O Deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), "xiita de esquerda" e "jacobino", depois de discorrer sobre a origem dos apelidos, conclui: — Quem nos chama de "xiitas"

são as lideranças políticas que querem nos isolar, agitando teses populistas.

Mas na rotina do Congresso nem o próprio Maurílio se poupa das brincadeiras.

— Estou convocando os "xiitas" e os "jacobinos" para uma reunião na casa do Aiatolá (Fernando Henrique Cardoso). Vamos levar o Carlos Sant'Anna (Líder do Governo) para enfrentar as feras — brincou, durante uma conversa com jornalistas, quando anunciava a reunião da "esquerda do PMDB" com o Líder do Governo.

Já o Deputado Nelson Jobim (PMDB-RS) tomou um susto quando soube que integrava o grupo dos "jacobinos" (parlamentares do PMDB que defendem Constituinte soberana e exclusiva).

— Robespierre (o mais implacável dos líderes da Revolução Francesa) era um verdadeiro jacobino e morreu na guilhotina. Colocar-nos nesse grupo significa que querem nos matar também? — ironizou.